

Editor: Carlos Marcelo  
jmarcelo@l2.com.br  
Tel. 3234-1178 • Fax 3234-1194

**L2**

**"HÁ LIVROS ESCRITOS PARA EVITAR ESPAÇOS VAZIOS NA ESTANTE"**

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

LIVROS & LETURAS CULTURAIS • CARLOS MARCELO // carlosmarcelo@l2.com.br



**L JEANNENEY DEFENDE A MOTIVOS QUE O LEVARAM A COMO LUGARES CULTURAIS**

**CAÇÃO INGENUO, RNET) É UM RIZARMOS A IQUEZA E NIZ-LA E ERÁ UM AMENTAL 10"**

retórica, no sentido do sofismo, da organização do pensamento. Tudo está em desordem e precisa ser classificado. Wikipedia é simpática, louvável. O problema não são os erros, todo mundo erra, o problema é que eles oferecem tudo desordenado. Eles não hierarquizam. É o grande risco que vejo para os estudantes é que eles justapõem em vez de coordenar. Isso faz um rebaixamento da reflexão. É um grande perigo. E tudo isso por causa do 380 "copy-paste". Minha geração é inacefavelmente favorecida porque fomos formados na boa vida retórica. Temos todas as vantagens: fácil acesso ao conhecimento e todas as agências de saber organizadas. É perigoso. A questão é a geração seguinte. Eles não sofizam nada, colocam tudo lado a lado. E isso nos faz olhar para uma coisa muito simples e complexa. Não se pode ser ingênuo, não quer que (internet) é um perigo, mas se valorizarmos a inacreditável riqueza e tentarmos misturá-la e classificá-la, será um proveito. É lamentável na educação.

**Quando o Google desafia a Europa — Em defesa de uma reação**  
De Jean-Noël Jeanneney. Tradução: Marcílio Jacques de Moraes. Contracapa, 108 páginas. R\$ 22,50.

## As artimanhas de Chacal

Ricardo de Carvalho Duarte tem muitas histórias para contar sobre a vida do poeta Chacal. A origem do apelido que virou sua marca registrada, a descoberta do rock no início da ditadura militar, a paixão pelas mezinhas de rabo de cavalo, a formação do Nuvem Cigana, grupo de pessoas inquietas, libertinos, libertários, libérrimos que se aglutinavam num período de tuchinhos. Dezenas de artimanhas, palavra que ele gosta a ponto de repetir a diversas vezes, reunidas na autobiografia *Uma história à margem* (Sete Letras, 248 páginas), com o saldo da vivência acumulado em 40 anos de errância. Apesar dos problemas de revisão ("Concerto Cabeça", "Superquadra 331 Sul", para ficar apenas no trecho relativo ao período em que ele passou por Brasília), o livro flui com graça e leveza, mesclando opiniões, versos e depoimentos sobre o que o poeta viu, sentiu, imaginou e experimentou. Ao final da jornada de lembranças, Chacal deixa sua visão sobre o atual momento poético: "Hoje vejo a poesia em dois gúetos: a universidade e a periferia. A academia com sua letania cruzada, seus editores, seu design. A periferia com seu ódio, sua lambreta valvada, sua cabeça de negra. Dois polos de excelência, dois focos energizadores do que ainda e sempre haverá para ser e pensar. E ouvir e tocar e dançar". Ao lado, trechos do livro de um cara que, como muitos de seu tempo, experimentou as vertigens da vida.



### Tela adormecida

Sábado passado, pouco depois das 18h, Asa Sul. Menos de 50 adormecidos, alguns motivados pela campanha eleitoral, participam de manifestação em defesa do Cine Brasília. Feito o protesto, o grupo se dispersa. A menos de dois quilômetros dali, no congestionado balcão da locadora de DVDs, começa discussão sobre o filme japonês *A partida*. "É ótimo. Alguém aqui viu e não gostou?", provoca o balconista. Os clientes se animam e comentam o que mais curtiram na fita. No prédio residencial vizinho para a entreequada, as janelas revelam gente navegando na internet e outros acompanhando as finais do US Open em gigantescos televisores com telas de LCD. Excesso de opções, falta de interesse. Não vai ser fácil acordar o gigante adormecido.

### Pedras preciosas

O irrequieto Lourenço Dutra traz uma nova formada de histórias em *Sefira e outras contos preciosos* (LGE). "Existe uma temática brasileira muito forte presente em contos, como *Rodolfo de Tugananga*, *A mulher bunyavagueira*, *A besta do Paraná* e *seus silêncios*, *Alvo no país dos pianistas* e *Radicals livres*. Mas não são contos regionais; afinal os problemas, as invejas, as viciadas e as tristezas humanas são bem parecidas", avisa o autor. Entre os temas, revolta estudantil contra a corrupção, alcoolismo e violência no lar, encontro de ex-namorados, disputas políticas. O lançamento será na próxima quinta, às 18h, no Acopage Cultural F-Bone. E a Sefira do título? "Venho do encontro entre ex-namorados em um shopping. Ela está descaída e leva três filhas a tiracolo. Ele começa a lembrar a sua beleza agora inexistente. Visualiza seus dentes pretos pelo cigarro, a pele macilenta. Inicam um diálogo ácido, engraçado, plausível", conta.

### PRESEÇA DO CORPO

"Toda antologia é um recorte pessoal, e a poesia marginal, apesar de assinar de um estatuto, de um manifesto, tinha algumas características dentro da sua imensa abrangência. História (Buarque de Hollanda, organizadora em 1975 da antologia 28 poemas hoje) dava um tom poético discursivo em tom coloquial, com um modo de produção e distribuição artesanal e independente. Heli chegou perto, embora essa definição, em parte, também pudesse remeter ao Modernismo. Com toda sua experiência acadêmica, esqueceu o que para mim foi a marca maior da poesia dos anos 70: a presença acrílica do corpo."

### POESIA MARGINAL

"Seja na distribuição de má em má, seja no boca a boca da divulgação, seja no corpo e corpo das artimanhas, a poesia recuperou sua fala, saiu do escritório, da sala, e foi para a rua. A poesia não era mais uma voz *musical*, e insólita, escondida num livro. A poesia passou a ser experiência vital, expressão das artimanhas. A academia tem muita dificuldade de dar conta disso, ocupada que está com a vida lá fora, com o intramuros da instituição."

### BRASÍLIA, ANOS 70

"Poesia andrômeda, artista plástica, dando cores à cidade. Tinha ainda um ar utópico, contracultural, que me atraiu. Contos que o Rio havia perdido com a arte feérica modernista e substituída por canais de TV, gravadoras, editoras. A influência cultural tomou conta do regime. Em Brasília era possível pensar a arte ainda unida à vida, à política, ao dia a dia da cidade."

### COMANDO COLETIVO

"Eu, até hoje, acredito muito no coletivo. Não adianta fazer estações na mídia, se o grupo envolvido está disperso. É ele quem comanda, mesmo que um outro tome a frente. Assim foi com a Nuvem Cigana, o Astrôlabo Traube e Trombone, o Circo Voador e CEP-20000. Quanto o coletivo não está forte, a coisa pode até ser bonita, tem féia, como foi. Mas não resmota o presente, não transfere o futuro."

## OS HOMENS ERRADOS

Denis Johnson areja a crônica policial com personagens atrapalhados, perdidos numa história de vingança

• BERNARDO SCARTEZINI  
ESPECIAL PARA O CORREIO

Contar uma história policial é um troço aparentemente simples. Tome um anti-herói sarcástico, um vilão sádico e uma káta inoponível. Jogue entre eles uma melaça cheia de dólares/ouro/documentos sigilosos, algumas armas de fogo, e prove que logo uma ou duas mortes violentas, só para dar um gás. Pronto. Camaradas como David Hammett e Raymond Chandler já esquadriharam boa parte das variantes possíveis entre esses elementos, então ao autor contemporâneo cabe dominar alguns mactes que o material não é salvo até o capítulo final da biguerra. Não por acaso, crônicas policiais são manancial inesgotável para filmes, séries de tv e jornalismo de gosto duvidoso. É também para literatura de quarteirão.

De tal forma que um autor prolífico como Denis Johnson, 61 anos de idade e 40 de ofício, diariamente se depara com este desafio: procurar novas combinações para não transformar suas intrigas policiais em meros exercícios de estilo. *Ninguém se mexe*, novela sua de 2009, editada pela Companhia das Letras, é pura carpintaria literária. Não chega a grande arte, mas deixa o carpinteiro Johnson em bom lugar. Johnson, filhote de Hammett & Chandler no crime, pratica duas lições básicas da doutrina Elmore Leonard para se escrever um bom livro. A saber: 1. Escreve como se fala, não como se estivesse a se exibir com beltrismos e tal... 2. Omita aqueles trechos que, nas sábias palavras de Leonard, o leitor vai pular por cima.

**Ninguém se mexe**  
De Denis Johnson  
Tradução de Raquel Borbore de Souza  
Companhia das Letras, 176 páginas. R\$ 39.



### Poeta e dramaturgo

Cidadão norte-americano nascido em Munique (Alemanha), Denis Johnson também tem considerado trabalho como poeta e dramaturgo. Tornou-se nome corrente nas letras americanas com *Jessie* (em 1987), coleção de contos. No Brasil, tem dois títulos publicados pela Companhia das Letras, sendo *Arrivo de Junho* (2007) um romance sobre espionagem durante a Guerra do Vietnã, vencedor do American Book Award.

### TRECHO

*Esse Jimmy era o próprio rato de necessidade, mas um sujeito bastante simpático. Insistia para que ela aceitasse dois Benjamin Franklins antes de sair do shopping. "Vai está contigo agora."*  
*"Isso ainda não está decidido."*  
*"Com esse 'agora' quero dizer agora — neste segundo. Pelo menos você já fica com dezavento."*  
*Jimmy a levou até a J. Penney's, onde ele pegou algumas peças genéricas embaixo dos braços e entrou no provador com calças pretas brilhantes e paletó branco do smoking e saiu de lá com calças largas de algodão e uma camisa de flanela sádiva.*  
*"Tá aquelas coisas chiapas?"*  
*"Deves lá no chão. Uma pilha daquelas coisas."*  
*"Vai está contigo."*  
*"Hoje em dia a vida é rápida."*

*Ninguém se mexe*, portanto, é uma novela de um curso e sem fôlego. Jimmy Lutz, nosso anti-herói sarcástico, está devendo uma grana para o misterioso Juarez, um vilão sádico. Em vez de tratar do assunto pessoalmente, Juarez bota um capanga para fazer a cobrança. A negociação não sai como Juarez esperava e Jimmy entra no jogo com força. No entanto, como já anteciparia o atento leitor, uma mulher aparece num bar de estrada. E depois, num quarto de motel, numa manobrinha ressequada, as coisas tomam novos rumos. Temos uma bela história de vingança pela frente.

Denis Johnson tem um par de truques no colete para manter a atenção. E tem diálogos secos. Pegada ágil de folhetim. De fato, *Ninguém se mexe* é um folhetim. Foi publicado originalmente ao longo de quatro meses pela revista *Playboy* americana — o livro é dividido em quatro partes, uma revista para a fechar cada uma delas.

Mas o grande barato de Johnson é fazer de seus personagens caras normais, caras quaisquer. Gente que faz bobagem sob pressão. Todos os envolvidos em cena são ridiculamente amadores. Todos aqui jogam mais com a sorte do que com a sabedoria — nisso, Johnson é tributário forte de Elmore Leonard e do cinema dos irmãos Joel e Ethan Coen — pense em *Gosto de sangue* ou *Fargo* ou mesmo no recente *Onas os frances não têm vez*, tirado de um livro de Cormac McCarthy.

Como nas histórias de McCarthy, *Ninguém se mexe* se passa num mundo fora dos radares da sociedade: neste caso, o nordeste da Califórnia, às margens do Rio Feather. Um lugar sem viaturas policiais no horizonte. Território hostil, sem ética. Onde os homens são homens. E onde estão livres do alcance da lei para se danarem por seus próprios meios.